



- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



NOVOS MOVIMENTOS DE MULHERES (2)

UMA IDEOLOGIA PLANETÁRIA

A eclosão dos movimentos de mulheres está intimamente ligada à desmistificação da ideologia «industrialista» que por todos os meios e em todos os quadrantes procura impor as suas normas e critérios. O que está em causa não é a contestação deste ou daquele país, deste ou daquele regime político ou tipo de sociedade. É a ideologia subjacente à própria organização da vida social, na medida em que esta se processa predominantemente em função de critérios economicistas.

O «industrialismo» alimenta-se de esquemas de dominação aparentemente orientados para a satisfação das necessidades do homem, mas conduzidos, de facto, para a massificação e a centralização crescentes. Tais esquemas nascem da crença ingénua e supersticiosa num bem-estar em progressão constante, num Estado considerado onipotente e portanto capaz de tomar a seu cargo todas as necessidades dos cidadãos, na duração eterna dos recursos naturais.

A ideologia «industrialista» exige estratégias bem definidas. É uma ideologia planificada por altas instâncias, operativa tanto no interior das sociedades do Hemisfério Norte — onde é, obviamente, a matriz de todas as escolhas e realizações políticas, económicas ou sociais — como nas relações entre as nações. Basta olharmos as notícias da televisão para nos darmos conta das tendências expansionista e imperialista que ela reveste. Os «fortes» procuram dominar os «fracos» e fazem-no impondo-lhes as leis da sua aparente força. Os modelos dos países pobres são, cada vez mais, os países ricos. Por isso podemos falar de uma **ideologia planetária**, para além dos sistemas económicos ou dos regimes políticos.

A ideologia «industrialista» opõem-se, em diferentes

situações e lugares, contestações radicais. Entre as numerosas correntes e movimentos sociais que, de alguma forma, dão corpo a essa contestação vale a pena referir:

- a salvaguarda e a protecção do **ambiente natural e cultural** do homem (movimentos ecologistas);
- o **desenvolvimento endógeno**, centrado sobre a identidade cultural e a capacidade de autogestão de cada comunidade (movimentos autogestionários);
- a concepção da **educação como processo de aprendizagem** ao longo de toda a vida (movimentos de educação permanente);
- a **descentralização** e a **regionalização** político-administrativas, nas esferas cultural, social e económica (movimentos autonomistas);
- o restabelecimento do equilíbrio nas relações entre o **Hemisfério Norte** e o **Hemisfério Sul** (movimentos para uma nova ordem internacional).

RECUSA DA ABUNDÂNCIA E DA ACUMULAÇÃO

Confrontados com os múltiplos aspectos da ideologia «industrialista», os movimentos de mulheres insurgem-se, antes de mais, contra o mundo dominado pela atracção do progresso e do crescimento económico, e contra os valores e os ídolos que esses mitos engendram: a **abundância** como condição de vida e a **acumulação** como finalidade e objectivo últimos.

As palavras «abundância» e «acumulação» dispensam comentários. Basta passarmos um serão a olhar



- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



NOVOS MOVIMENTOS DE MULHERES (2)

UMA IDEOLOGIA PLANETÁRIA

A eclosão dos movimentos de mulheres está intimamente ligada à desmistificação da ideologia «industrialista» que por todos os meios e em todos os quadrantes procura impor as suas normas e critérios. O que está em causa não é a contestação deste ou daquele país, deste ou daquele regime político ou tipo de sociedade. É a ideologia subjacente à própria organização da vida social, na medida em que esta se processa predominantemente em função de critérios economicistas.

O «industrialismo» alimenta-se de esquemas de dominação aparentemente orientados para a satisfação das necessidades do homem, mas conduzidos, de facto, para a massificação e a centralização crescentes. Tais esquemas nascem da crença ingénua e supersticiosa num bem-estar em progressão constante, num Estado considerado onnipotente e portanto capaz de tomar a seu cargo todas as necessidades dos cidadãos, na duração eterna dos recursos naturais.

A ideologia «industrialista» exige estratégias bem definidas. É uma ideologia planificada por altas instâncias, operativa tanto no interior das sociedades do Hemisfério Norte — onde é, obviamente, a matriz de todas as escolhas e realizações políticas, económicas ou sociais — como nas relações entre as nações. Basta olharmos as notícias da televisão para nos darmos conta das tendências expansionista e imperialista que ela reveste. Os «fortes» procuram dominar os «fracos» e fazem-no impondo-lhes as leis da sua aparente força. Os modelos dos países pobres são, cada vez mais, os países ricos. Por isso podemos falar de uma **ideologia planetária**, para além dos sistemas económicos ou dos regimes políticos.

A ideologia «industrialista» opõem-se, em diferentes

situações e lugares, contestações radicais. Entre as numerosas correntes e movimentos sociais que, de alguma forma, dão corpo a essa contestação vale a pena referir:

- a salvaguarda e a protecção do **ambiente natural e cultural** do homem (movimentos ecologistas);
- o **desenvolvimento endógeno**, centrado sobre a identidade cultural e a capacidade de autogestão de cada comunidade (movimentos autogestionários);
- a concepção da **educação como processo de aprendizagem** ao longo de toda a vida (movimentos de educação permanente);
- a **descentralização** e a **regionalização** político-administrativas, nas esferas cultural, social e económica (movimentos autonomistas);
- o restabelecimento do equilíbrio nas relações entre o **Hemisfério Norte** e o **Hemisfério Sul** (movimentos para uma nova ordem internacional).

RECUSA DA ABUNDÂNCIA E DA ACUMULAÇÃO

Confrontados com os múltiplos aspectos da ideologia «industrialista», os movimentos de mulheres insurgem-se, antes de mais, contra o mundo dominado pela atracção do progresso e do crescimento económico, e contra os valores e os ídolos que esses mitos engendram: a **abundância** como condição de vida e a **acumulação** como finalidade e objectivo últimos.

As palavras «abundância» e «acumulação» dispensam comentários. Basta passarmos um serão a olhar

Na luta por formas alternativas de vida em sociedade, os novos movimentos de mulheres confundem-se com outras correntes e outros movimentos sociais.

Não lhes cabe um tipo de acção ou de projecto de sociedade específico. Cabe-lhes, sim, uma atitude própria, uma forma de actuação diferente.

Em que consiste essa diferença?

Enquanto um ecologista, por exemplo, se pode contentar em sê-lo através de palavras ou de acções que lhe são, de algum modo, exte-

riores, as mulheres associam, necessariamente, a sua recusa de um certo tipo de sociedade a um questionamento sério de si próprias. Não se trata de um questionamento de ordem moral. Trata-se de uma descida às raízes, de um mergulhar no abismo profundo que cada uma de nós traz dentro de si.

A denúncia na boca das mulheres compromete toda a pessoa. As palavras que elas dizem nascem de muitos silêncios impostos, de muitas verdades recalçadas, de muitas raivas, esperanças e decepções não confessadas.

os clichés publicitários da televisão, para nos darmos conta da carga que elas trazem consigo.

No plano político, a ideologia do crescimento torna-se cada vez mais imperativa. Haverá algum chefe do governo de países ditos desenvolvidos que não apresente o progresso económico como a meta para que caminha a sociedade onde vive? De nada tem servido repetir, cada vez mais alto, que o crescimento à escala planetária não pode ser linear, que a abundância de um pequeno punhado de países se faz necessariamente à custa da maioria das nações, onde milhões de homens e mulheres morrem de fome. O ciclo infernal da produção pela produção ainda não foi quebrado. A passagem da denúncia pela palavra à acção está longe de ser uma realidade.

Mas por que razão falar da denúncia da ideologia do crescimento pelo crescimento a propósito das mulheres? O que têm elas a ver com essa realidade?

As razões são óbvias e fáceis de explicar:

- Por toda a parte, a mão-de-obra feminina alimenta as multinacionais de exploração: os têxteis, as confecções, a electrónica. Empresas instaladas num país, como Portugal, foram rapidamente e eficientemente deslocadas para a Tailândia ou para Hong-Kong, quando o aumento dos salários o impôs. É como se as mulheres exploradas por estas grandes indústrias formassem uma grande corrente à volta do planeta, passando de mão em mão o terrível fardo da exploração...
- Por toda a parte, as mulheres constituem a imensa maioria do sector chamado «terciário» que, pela sua quase total ineficácia, é o espelho mais cruel de uma sociedade que se deixou dominar pela burocracia. Terão as mulheres que continuar a alimentar esse gigante de alienação generalizada? Terão elas que continuar a olear as peças da uma máquina em que não acreditam e que gostariam de poder mudar?
- Por toda a parte, as mulheres cultivam a terra e trabalham na indústria alimentar. Elas conhecem por dentro os esquemas do crescimento e sabem

até que ponto eles são enganadores. Permanecem, porém, imóveis face aos obstáculos aparentemente inelutáveis criados pela actual divisão do trabalho e da produção. Até quando?

Pelo tipo de trabalho que realizam — trabalho que as situa na raiz mesma da economia — as mulheres confrontam-se **no concreto** com a situação da injustiça de que são simultaneamente instrumentos e vítimas. Sem necessariamente traduzirem em termos de teoria económica a sua experiência, e sem muitas vezes terem consciência da dimensão universal da dominação, essa experiência situa-se **no coração das forças potenciais de mudança da ordem mundial.**

RECUSA DO IMOBILISMO

A recusa dos novos movimentos de mulheres dirige-se, igualmente, àquilo que nas sociedades industrializadas nos aparece como um mundo totalmente **controlado e organizado**, um mundo dominado pela lógica cartesiana e onde a abstracção é o refúgio de todas as alienações.

Num tal mundo, há apenas um modo de pensar, uma verdade (mesmo quando as nações se dizem democráticas e pluralistas). Tudo se explica ao nível do racional e a explicação encontrada tende a ser considerada universal. Só aqueles que se sabem servir dos instrumentos da racionalidade, e que o fazem segundo certas regras bem definidas, têm verdadeiramente acesso a esse mundo. O valor absoluto da razão está aliás subjacente, em termos de categorias filosóficas, ao modo de produção e de crescimento que caracteriza as nossas sociedades e que aqui denunciamos.

Não admira, pois, que mesmo a esfera do não racional (daquilo que não se deixa conter nas relações lógicas de causa a efeito) se encontre encerrada, prisioneira de uma gigantesca construção verbal e racionalista. A entrada das mulheres no mundo da experiência psiquiátrica e psicanalítica parece introduzir uma brecha no edifício racional. Devo confessar — e

Na luta por formas alternativas de vida em sociedade, os novos movimentos de mulheres confundem-se com outras correntes e outros movimentos sociais.

Não lhes cabe um tipo de acção ou de projecto de sociedade específico. Cabe-lhes, sim, uma atitude própria, uma forma de actuação diferente.

Em que consiste essa diferença?

Enquanto um ecologista, por exemplo, se pode contentar em sê-lo através de palavras ou de acções que lhe são, de algum modo, exte-

riores, as mulheres associam, necessariamente, a sua recusa de um certo tipo de sociedade a um questionamento sério de si próprias. Não se trata de um questionamento de ordem moral. Trata-se de uma descida às raízes, de um mergulhar no abismo profundo que cada uma de nós traz dentro de si.

A denúncia na boca das mulheres compromete toda a pessoa. As palavras que elas dizem nascem de muitos silêncios impostos, de muitas verdades recalçadas, de muitas raivas, esperanças e decepções não confessadas.

os clichés publicitários da televisão, para nos darmos conta da carga que elas trazem consigo.

No plano político, a ideologia do crescimento torna-se cada vez mais imperativa. Haverá algum chefe do governo de países ditos desenvolvidos que não apresente o progresso económico como a meta para que caminha a sociedade onde vive? De nada tem servido repetir, cada vez mais alto, que o crescimento à escala planetária não pode ser linear, que a abundância de um pequeno punhado de países se faz necessariamente à custa da maioria das nações, onde milhões de homens e mulheres morrem de fome. O ciclo infernal da produção pela produção ainda não foi quebrado. A passagem da denúncia pela palavra à acção está longe de ser uma realidade.

Mas por que razão falar da denúncia da ideologia do crescimento pelo crescimento a propósito das mulheres? O que têm elas a ver com essa realidade?

As razões são óbvias e fáceis de explicar:

- Por toda a parte, a mão-de-obra feminina alimenta as multinacionais de exploração: os têxteis, as confecções, a electrónica. Empresas instaladas num país, como Portugal, foram rapidamente e eficientemente deslocadas para a Tailândia ou para Hong-Kong, quando o aumento dos salários o impôs. É como se as mulheres exploradas por estas grandes indústrias formassem uma grande corrente à volta do planeta, passando de mão em mão o terrível fardo da exploração...
- Por toda a parte, as mulheres constituem a imensa maioria do sector chamado «terciário» que, pela sua quase total ineficácia, é o espelho mais cruel de uma sociedade que se deixou dominar pela burocracia. Terão as mulheres que continuar a alimentar esse gigante de alienação generalizada? Terão elas que continuar a olear as peças da uma máquina em que não acreditam e que gostariam de poder mudar?
- Por toda a parte, as mulheres cultivam a terra e trabalham na indústria alimentar. Elas conhecem por dentro os esquemas do crescimento e sabem

até que ponto eles são enganadores. Permanecem, porém, imóveis face aos obstáculos aparentemente inelutáveis criados pela actual divisão do trabalho e da produção. Até quando?

Pelo tipo de trabalho que realizam — trabalho que as situa na raiz mesma da economia — as mulheres confrontam-se **no concreto** com a situação da injustiça de que são simultaneamente instrumentos e vítimas. Sem necessariamente traduzirem em termos de teoria económica a sua experiência, e sem muitas vezes terem consciência da dimensão universal da dominação, essa experiência situa-se **no coração das forças potenciais de mudança da ordem mundial.**

RECUSA DO IMOBILISMO

A recusa dos novos movimentos de mulheres dirige-se, igualmente, àquilo que nas sociedades industrializadas nos aparece como um mundo totalmente **controlado e organizado**, um mundo dominado pela lógica cartesiana e onde a abstracção é o refúgio de todas as alienações.

Num tal mundo, há apenas um modo de pensar, uma verdade (mesmo quando as nações se dizem democráticas e pluralistas). Tudo se explica ao nível do racional e a explicação encontrada tende a ser considerada universal. Só aqueles que se sabem servir dos instrumentos da racionalidade, e que o fazem segundo certas regras bem definidas, têm verdadeiramente acesso a esse mundo. O valor absoluto da razão está aliás subjacente, em termos de categorias filosóficas, ao modo de produção e de crescimento que caracteriza as nossas sociedades e que aqui denunciamos.

Não admira, pois, que mesmo a esfera do não racional (daquilo que não se deixa conter nas relações lógicas de causa a efeito) se encontre encerrada, prisioneira de uma gigantesca construção verbal e racionalista. A entrada das mulheres no mundo da experiência psiquiátrica e psicanalítica parece introduzir uma brecha no edifício racional. Devo confessar — e

nisso sigo timidamente Simone de Beauvoir — que muita da literatura actualmente produzida por mulheres me é incompreensível. Reconheço, porém, que tais explosões, quebrando todos os códigos estabelecidos, abrem caminho a uma nova **expressão do vivido** — expressão que me deixa, por momentos, fascinada, pela riqueza insuspeitada que contém.

Neste mundo racionalizado, a uniformidade converte-se em norma. É pensarmos, por exemplo, no que se passa relativamente à organização dos horários de trabalho. Embora haja hoje quem defenda entusiasticamente os horários flexíveis ou o trabalho a tempo parcial, a tendência dominante é ainda a da uniformidade, considerando qualquer outra forma como um perigo para a economia. Mas será esse perigo, de facto, real? Não se tratará antes do desejo inconsciente da uniformidade e do medo do desconhecido que poderá vir subverter a segurança do **status quo**?

Num mundo que se quer bem ordenado, controlado, é preciso salvaguardar a todo o custo o adquirido (poupanças, estatuto, prestígio...), é preciso manter as coisas, as pessoas, as instituições no seu justo lugar. É o mundo do imobilismo e do conformismo, o mundo onde «se faz carreira» por estapas sucessivas, o mundo em que cada pessoa ocupa uma posição determinada. O ritual de certas cerimónias, — desde as sessões públicas do mundo político ao ambiente hiper-privado das sessões psicanalíticas —, não é senão uma caricatura do mundo em que vivemos, mundo em que cada um se vê confinado ao papel e ao lugar que lhe é atribuído.

Este aspecto caricatural exprime uma imagem profundamente interiorizada. Estar no lugar que nos compete é, afinal, uma forma de segurança, uma das formas de segurança a que as pessoas estão mais solidamente agarradas e sem a qual se sentiriam totalmente desamparadas.

Ora as mulheres não têm «lugar» fixo. Movimentam-se sem cessar. São ora donas de casa, ora consumidoras, ora produtoras, ora cidadãs... O seu itinerário pessoal não é, necessariamente, a «carreira». Vemo-las viver a mobilidade e não a rigidez da progressão profissional. Não haverá nessa mobilidade, nessa capacidade de viver sem um lugar fixo, a possibilidade de furar a «ordem» e o «controlo», abrindo caminho para qualquer coisa de outrém?

RECUSA DA CENTRALIZAÇÃO

Os novos movimentos de mulheres recusam, finalmente, a **centralização** associada a quase todos os esquemas de planificação do crescimento. Planificar o crescimento implica que se estabeleçam centros que decidam e que comuniquem as suas decisões à periferia. Surgem, assim, **hierarquias** bem definidas, indispensáveis para que o poder central possa, através de escalões intermediários, atingir como objectos aqueles que deveriam ser o «sujeito» da sua própria história.

É fácil entender que as mulheres se insurjam contra

uma tal situação, que vai até ao ponto de decidir quantos filhos elas deverão ter. Numa manifestação contra o custo de vida que teve lugar na Lorena, há poucos meses, uma mulher empunhava um cartaz onde se lia: «os três filhos de Giscard, já os tenho; mas qual será o seu futuro?» Que mais há a dizer?

O mundo centralizado é, necessariamente, o mundo do poder omnipresente, onde se cometem abusos em nome de grandes ideais e onde a violação das liberdades individuais assume formas cada vez mais subtis. É um mundo onde o poder atravessa as portas das casas e se instaura em todas as estruturas da vida em comum, em especial na família.

Os novos movimentos de mulheres dão-se conta do vazio e da angústia criados por estas e outras formas de centralismo e de hierarquização. Trata-se de uma angústia difusa, por vezes apenas audível. As mulheres sabem captá-la. Saberão também responder-lhe?

PROCURA DO ESSENCIAL E DO GRATUITO

A resposta dos movimentos de mulheres às situações que claramente recusam e denunciam terá de procurar-se não só nas palavras, mas sobretudo nas acções que estes movimentos têm vindo a empreender.

Ao mundo do crescimento e do progresso, as mulheres opõem duas frentes de combate, que correspondem àquilo a que o pensador francês Edgar Morin chama a «onda larga» e a «onda de choque» dos movimentos sociais.

A **onda larga** corresponde, grosso modo, a tudo o que se exprime ao nível das massas e, especialmente, ao nível das massas de mulheres rurais e operárias. Face aos planos governamentais, aos discursos dos políticos, aos conselhos dos técnicos, as mulheres falam do que é preciso produzir e fazer e discutem o porquê dessas escolhas. Situam-se no coração da vida e a sua linguagem diz, como quem não quer a coisa, as **necessidades essenciais** das comunidades e dos povos.

Pená é que as respostas a essas necessidades sejam decididas por super-estruturas distanciadas de quem está na raiz mesma da produção mais elementar! Só a participação das mulheres poderá permitir que a modernização das sociedades se faça ao encontro das aspirações dos povos, e não ao sabor dos caprichos dos seus governantes.

A **onda de choque** toma corpo em pequenas minorias de mulheres das sociedades industrializadas. Ela fala de outra coisa. Propõe uma alternativa ao mundo do crescimento: ao fatalismo dos circuitos económicos dominantes, ela opõe a criação espontânea e artesanal, o gosto por um certo estilo de austeridade, a percepção de que a qualidade vale mais do que a quantidade, de que o «menos» é por vezes «mais»... Na voz de certas mulheres, escritoras ou artistas, a onda de choque converte-se em **grito de fantasia**, em **apelo à gratuidade**. Fazer pelo gosto de fazer. Dar pelo



nisso sigo timidamente Simone de Beauvoir — que muita da literatura actualmente produzida por mulheres me é incompreensível. Reconheço, porém, que tais explosões, quebrando todos os códigos estabelecidos, abrem caminho a uma nova **expressão do vivido** — expressão que me deixa, por momentos, fascinada, pela riqueza insuspeitada que contém.

Neste mundo racionalizado, a uniformidade converte-se em norma. É pensarmos, por exemplo, no que se passa relativamente à organização dos horários de trabalho. Embora haja hoje quem defenda entusiasticamente os horários flexíveis ou o trabalho a tempo parcial, a tendência dominante é ainda a da uniformidade, considerando qualquer outra forma como um perigo para a economia. Mas será esse perigo, de facto, real? Não se tratará antes do desejo inconsciente da uniformidade e do medo do desconhecido que poderá vir subverter a segurança do **status quo**?

Num mundo que se quer bem ordenado, controlado, é preciso salvaguardar a todo o custo o adquirido (poupanças, estatuto, prestígio...), é preciso manter as coisas, as pessoas, as instituições no seu justo lugar. É o mundo do imobilismo e do conformismo, o mundo onde «se faz carreira» por estapas sucessivas, o mundo em que cada pessoa ocupa uma posição determinada. O ritual de certas cerimónias, — desde as sessões públicas do mundo político ao ambiente hiper-privado das sessões psicanalíticas —, não é senão uma caricatura do mundo em que vivemos, mundo em que cada um se vê confinado ao papel e ao lugar que lhe é atribuído.

Este aspecto caricatural exprime uma imagem profundamente interiorizada. Estar no lugar que nos compete é, afinal, uma forma de segurança, uma das formas de segurança a que as pessoas estão mais solidamente agarradas e sem a qual se sentiriam totalmente desamparadas.

Ora as mulheres não têm «lugar» fixo. Movimentam-se sem cessar. São ora donas de casa, ora consumidoras, ora produtoras, ora cidadãs... O seu itinerário pessoal não é, necessariamente, a «carreira». Vemo-las viver a mobilidade e não a rigidez da progressão profissional. Não haverá nessa mobilidade, nessa capacidade de viver sem um lugar fixo, a possibilidade de furar a «ordem» e o «controlo», abrindo caminho para qualquer coisa de outrém?

RECUSA DA CENTRALIZAÇÃO

Os novos movimentos de mulheres recusam, finalmente, a **centralização** associada a quase todos os esquemas de planificação do crescimento. Planificar o crescimento implica que se estabeleçam centros que decidam e que comuniquem as suas decisões à periferia. Surgem, assim, **hierarquias** bem definidas, indispensáveis para que o poder central possa, através de escalões intermediários, atingir como objectos aqueles que deveriam ser o «sujeito» da sua própria história.

É fácil entender que as mulheres se insurjam contra

uma tal situação, que vai até ao ponto de decidir quantos filhos elas deverão ter. Numa manifestação contra o custo de vida que teve lugar na Lorena, há poucos meses, uma mulher empunhava um cartaz onde se lia: «os três filhos de Giscard, já os tenho; mas qual será o seu futuro?» Que mais há a dizer?

O mundo centralizado é, necessariamente, o mundo do poder omnipresente, onde se cometem abusos em nome de grandes ideais e onde a violação das liberdades individuais assume formas cada vez mais subtis. É um mundo onde o poder atravessa as portas das casas e se instaura em todas as estruturas da vida em comum, em especial na família.

Os novos movimentos de mulheres dão-se conta do vazio e da angústia criados por estas e outras formas de centralismo e de hierarquização. Trata-se de uma angústia difusa, por vezes apenas audível. As mulheres sabem captá-la. Saberão também responder-lhe?

PROCURA DO ESSENCIAL E DO GRATUITO

A resposta dos movimentos de mulheres às situações que claramente recusam e denunciam terá de procurar-se não só nas palavras, mas sobretudo nas acções que estes movimentos têm vindo a empreender.

Ao mundo do crescimento e do progresso, as mulheres opõem duas frentes de combate, que correspondem àquilo a que o pensador francês Edgar Morin chama a «onda larga» e a «onda de choque» dos movimentos sociais.

A **onda larga** corresponde, grosso modo, a tudo o que se exprime ao nível das massas e, especialmente, ao nível das massas de mulheres rurais e operárias. Face aos planos governamentais, aos discursos dos políticos, aos conselhos dos técnicos, as mulheres falam do que é preciso produzir e fazer e discutem o porquê dessas escolhas. Situam-se no coração da vida e a sua linguagem diz, como quem não quer a coisa, as **necessidades essenciais** das comunidades e dos povos.

Pená é que as respostas a essas necessidades sejam decididas por super-estruturas distanciadas de quem está na raiz mesma da produção mais elementar! Só a participação das mulheres poderá permitir que a modernização das sociedades se faça ao encontro das aspirações dos povos, e não ao sabor dos caprichos dos seus governantes.

A **onda de choque** toma corpo em pequenas minorias de mulheres das sociedades industrializadas. Ela fala de outra coisa. Propõe uma alternativa ao mundo do crescimento: ao fatalismo dos circuitos económicos dominantes, ela opõe a criação espontânea e artesanal, o gosto por um certo estilo de austeridade, a percepção de que a qualidade vale mais do que a quantidade, de que o «menos» é por vezes «mais»... Na voz de certas mulheres, escritoras ou artistas, a onda de choque converte-se em **grito de fantasia**, em **apelo à gratuidade**. Fazer pelo gosto de fazer. Dar pelo



gosto de dar. Criar pelo gosto de criar. Que outros valores poderão representar um melhor antídoto aos critérios economicistas que regem as nossas sociedades?

O REAL ANÁRQUICO

Ao mundo organizado das estruturas mentais e institucionais totalmente fechadas, os novos movimentos de mulheres parecem opôr um novo registo. Nada de análises teóricas exaustivas ou de distinções académicas vazias de conteúdo. Elas sabem que a fórmula clássica «distinguir para unir» pode facilmente converter-se numa forma subtil de suicídio mental. À análise sectorial mais ou menos sistemática, elas preferem a percepção global, a apreensão envolvente, onde a inteligência, a intuição e o sentir se confundem.

Na expressão, frequentemente considerada subversiva, dos movimentos de mulheres é possível pressentir uma nova energia libertadora. Muitos são os que prefeririam continuar a ver as mulheres no lugar que desde sempre a sociedade lhes atribuiu. Mas elas não se conformam com o imobilismo. Movem-se mais à vontade no mundo do **real anárquico** e é no interior dessa aparente anarquia que, como que movidas por uma bússola invisível, elas pressentem caminhos novos pelos quais avançam convictamente.

Donde lhes vem esse sentido de orientação? Quase me sinto tentada a reportá-lo a uma percepção particularmente aguda da dimensão transcendente da vida. De facto, é minha convicção, cada vez mais firme, que a mudança social só é real quando orientada — eu diria mesmo penetrada — por uma dimensão trans-

cedente que vem de fora e projecta tudo para além de si mesmo.

PRIORIDADE À VIDA

Ao mundo centralizado as mulheres opõem um mundo diferenciado e autogestionário. Às hierarquias opõem o vai-vem de quem muda de lugar. Elas contestam os regulamentos, fecham a porta ao carreirismo, menosprezam a competição. À divisão artificial dos papéis elas opõem a troca e a partilha, onde a diferença se torna base de igualdade. Ao mundo fechado sobre si mesmo opõem a **vida**, no que ela tem de mais imediato.

Assim se explica que os movimentos de mulheres tenham, de algum modo, um papel profético no que se refere a novas formas de exercício do poder, na vida pública.

Se pretendemos uma **participação** real de todos os cidadãos nas decisões que lhes dizem respeito, teremos que lutar pela multiplicação dos lugares e centros de decisão, a todos os níveis. Ora os novos movimentos de mulheres aparecem como espaços de encontro e de tomada de decisão flexíveis e personalizados, onde cada uma faz ouvir a sua voz.

A própria situação de alheamento secular das mulheres da vida pública não faz senão favorecer e reforçar o papel inovador que actualmente lhes cabe. Com efeito, tendo sido elas as grandes vítimas passivas de estruturas rígidas, vazias de todo o conteúdo, como admirarmo-nos de as ver abrir caminho na denúncia dos falsos liberalismos e na procura de vias alternativas mais próximas de uma democracia de base?

PRÁTICAS FRAGMENTADAS

Os feminismos não são uma filosofia que, a partir de uma certa concepção do ser humano, pretenda explicar o real e definir-lhe os contornos de forma precisa.

Os feminismos também não são uma teoria económica ou social donde decorram formas claras de organização da sociedade, com indicação dos meios para lá chegar.

Os feminismos não são sequer uma expli-

cação sistemática e uniforme de factos ou acontecimentos sociais, quaisquer que eles sejam.

Os feminismos são tão somente um conjunto de práticas fragmentadas que conduzem a uma leitura diferente das relações sociais, em todos os escalões da vida humana organizada.

Longe de serem um dogmatismo, ou mesmo uma teoria, os feminismos são uma procura, um esboço, um gesto inacabado.



Maria de Lourdes Pintasilgo
Conferência no Instituto Católico de Paris
Março 1979 (versão abreviada)

Publicação mensal. Assinatura anual: 100\$00; estrangeiro 180\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.º António dos Capuchos, 4, 5.º, Lisboa. Composição e Impressão: Silvas — Coop. de Trab. Gráficos, scarl.

gosto de dar. Criar pelo gosto de criar. Que outros valores poderão representar um melhor antídoto aos critérios economicistas que regem as nossas sociedades?

O REAL ANÁRQUICO

Ao mundo organizado das estruturas mentais e institucionais totalmente fechadas, os novos movimentos de mulheres parecem opôr um novo registo. Nada de análises teóricas exaustivas ou de distinções académicas vazias de conteúdo. Elas sabem que a fórmula clássica «distinguir para unir» pode facilmente converter-se numa forma subtil de suicídio mental. À análise sectorial mais ou menos sistemática, elas preferem a percepção global, a apreensão envolvente, onde a inteligência, a intuição e o sentir se confundem.

Na expressão, frequentemente considerada subversiva, dos movimentos de mulheres é possível pressentir uma nova energia libertadora. Muitos são os que prefeririam continuar a ver as mulheres no lugar que desde sempre a sociedade lhes atribuiu. Mas elas não se conformam com o imobilismo. Movem-se mais à vontade no mundo do **real anárquico** e é no interior dessa aparente anarquia que, como que movidas por uma bússola invisível, elas pressentem caminhos novos pelos quais avançam convictamente.

Donde lhes vem esse sentido de orientação? Quase me sinto tentada a reportá-lo a uma percepção particularmente aguda da dimensão transcendente da vida. De facto, é minha convicção, cada vez mais firme, que a mudança social só é real quando orientada — eu diria mesmo penetrada — por uma dimensão trans-

cedente que vem de fora e projecta tudo para além de si mesmo.

PRIORIDADE À VIDA

Ao mundo centralizado as mulheres opõem um mundo diferenciado e autogestionário. Às hierarquias opõem o vai-vem de quem muda de lugar. Elas contestam os regulamentos, fecham a porta ao carreirismo, menosprezam a competição. À divisão artificial dos papéis elas opõem a troca e a partilha, onde a diferença se torna base de igualdade. Ao mundo fechado sobre si mesmo opõem a **vida**, no que ela tem de mais imediato.

Assim se explica que os movimentos de mulheres tenham, de algum modo, um papel profético no que se refere a novas formas de exercício do poder, na vida pública.

Se pretendemos uma **participação** real de todos os cidadãos nas decisões que lhes dizem respeito, teremos que lutar pela multiplicação dos lugares e centros de decisão, a todos os níveis. Ora os novos movimentos de mulheres aparecem como espaços de encontro e de tomada de decisão flexíveis e personalizados, onde cada uma faz ouvir a sua voz.

A própria situação de alheamento secular das mulheres da vida pública não faz senão favorecer e reforçar o papel inovador que actualmente lhes cabe. Com efeito, tendo sido elas as grandes vítimas passivas de estruturas rígidas, vazias de todo o conteúdo, como admirarmo-nos de as ver abrir caminho na denúncia dos falsos liberalismos e na procura de vias alternativas mais próximas de uma democracia de base?

PRÁTICAS FRAGMENTADAS

Os feminismos não são uma filosofia que, a partir de uma certa concepção do ser humano, pretenda explicar o real e definir-lhe os contornos de forma precisa.

Os feminismos também não são uma teoria económica ou social donde decorram formas claras de organização da sociedade, com indicação dos meios para lá chegar.

Os feminismos não são sequer uma expli-

cação sistemática e uniforme de factos ou acontecimentos sociais, quaisquer que eles sejam.

Os feminismos são tão somente um conjunto de práticas fragmentadas que conduzem a uma leitura diferente das relações sociais, em todos os escalões da vida humana organizada.

Longe de serem um dogmatismo, ou mesmo uma teoria, os feminismos são uma procura, um esboço, um gesto inacabado.



Maria de Lourdes Pintasilgo
Conferência no Instituto Católico de Paris
Março 1979 (versão abreviada)

Publicação mensal. Assinatura anual: 100\$00; estrangeiro 180\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.º António dos Capuchos, 4, 5.º, Lisboa. Composição e Impressão: Silvas — Coop. de Trab. Gráficos, scarl.